Padre Cícero Romão

Lívio Sobral

Cap. 4

JUAZEIRO PRIMITIVO

Juazeiro representava pouco mais do que um arraial. Cercado de terras férteis, era, todavia, retardatária e pobre a sua população, menos de duas mil almas, contados os fogos de uma legua em redor. No povoado pròpriamente dito, havia umas cinqüenta casas, quase tôdas de palha e humilde aparência, disseminadas nas imediações da capelinha, dedicada à SS. Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora das Dores.

A capelania de Juazeiro, do ponto de vista pecuniário e humano, equivalia à menos atraente de tôdas as colocações. Embora, por escrúpulos de consciência, o Padre Cícero tivesse uma espécie de horror às responsabilidades paroquiais (até hoje só um vigário subiu aos altares, do exercício de suas funções), estavam à disposição dêle não só outras capelanias mais toleráveis, porém ainda o magistério no seminário de Fortaleza, ou a direção de um colégio, que não lhe custaria fundar. É fora de dúvida que, anos depois, êle rejeitou a vigararia geral do Estado, que lhe fôra oferecida por D. Luiz Antônio dos Santos.

Padre que não possuísse, em alta dose, espírito de sacrifício, jamais ficaria alí de livre escolha, mesmo por que, sem levar em conta o atraso e estreiteza do novo *habitat*, os rendimentos oferecidos mal lhe dariam a subsistência, conforme já fiz sentir. E era assaz penosa a sua situação pecuniária, ao concluir o curso teológico: tirante algumas braças de terra que não podia alienar, pois ficaram sendo o seu patrimônio eclesiástico, sua única fortuna consistia na velha mãe, viúva e quase cega, acolitada por duas filhas inuptas e uma escrava, tôdas estas, aliás, distintíssimas pela circunspecção e pela virtude indiscutida.

Se excetuarmos uma dúzia de famílias morigeradas, residentes nos arredores, não mentirei afirmando que a população local se compunha de verdadeira escória social, feita de analfabetos e também de desordeiros, dados, em boa parte, à indolência e à feitiçaria.

No Juazeiro de então, a nota saliente era o samba, que se prolongava até alta noite e, freqüentemente, terminava por cenas de sangue, sob o incentivo da embriaguez. Não sòmente os adultos, mas até os menores, conduziam à cinta uma faca de ponta, a que se associava, quase sempre, um cacete de pau-ferro. Eram as insígnias de honra daqueles tempos nefastos, em que a absoluta falta de instrução andava cavalgando a escassez absoluta de civismo.

Ostentar valentia, desmanchando sambas e espalhando o terror nas festas, era o melhor roteiro que um rapazinho imberbe descobria para se notabilizar entre os seus conterrâneos.

Instalado em Juazeiro, o capelão não cruzou os braços, nem se limitou ao apostolado de sacristia. Fervoroso admirador dos jesuítas, no amansar e civilizar o nosso silvícola, meteu ombros à emprêsa, resoluto e entusiasta. Fundou escolas para os dois sexos, confiando-as a senhoras piedosas e hábeis, de sua imediata confiança. Ensinou música vocal, rudimentos de latim, português e arimética. Aproveitou aptidões latentes da juventude feminina para o canto litúrgico e a representação de dramas edificantes, iniciativas estas coroadas de pleno êxito.

Muitas vezes, esgotados os meios suasórios, foi pessoalmente pôr têrmo às danças intermináveis e barulhentas. Quando menos o esperavam, êle se apresentava, cajado à mão e grande chapéu de palha à cabeça, com ares tão severos, que os dançantes, sem mais aquela, deitavam a correr, recolhendo-se a casa.

Lá vem seu padre! — era o sinal de alarma e o remate tragicômico de tais folguedos.

Nada disso, porém, entibiava o ânimo do jovem levita, que prosseguiu no seu programa de vida, pobre e mortificado como os monges da Tebaida. Vez por outra, exausto de jejuns e trabalhos do sagrado ministério, adormecia no confessionário, ou no alpendre das fazendas aonde o chamavam, ficando assim horas consecutivas.

* * *

O Padre Cícero exultou com o título da Padroeira, como quem visse no mesmo um auspicioso preságio dos sofrimentos

que lhe estavam reservados. Por que é verdade que êle sentiu, desde cedo, o pressentimento e o anseio do martírio. Repetidas ocasiões preparou seus fiéis para êsse passo culminante de sua existência, pois, ainda antes da prisão dos bispos de Olinda e do Pará, viveu esperando uma grande perseguição religiosa no Brasil e queria ser dos primeiros a morrer pela fé. Queria também o seu rebanho à altura de tão sublimada vocação e, nesse estado d'alma, fêz tudo para incutir, com a palavra e o exemplo, o espírito de mortificação e renúncia, o gôsto pela comunhão cotidiana e o desprêzo sistemático de tôda espécie de mundanices e frioleiras.

As profecias do bispo da Irlanda, São Malaquias, eram assunto freqüente de suas meditações, e, vendo quase a esgotar-se o número simbólico de papas vindouros, enchia-se da idéia apocalíptica do fim do mundo, idéia que transmitia nas palestras, com raro ardor, a amigos e visitantes.

A prisão dos bispos brasileiros, comentada, entre outros jornais, pelo APÓSTOLO, do Rio, que êle assinava e fazia assinar, aquela prisão arrancou, de sua alma generosa e ardente, acentos de dor e solidariedade, que repercutiram, não sem estranha veemência, no coração do seu auditório.

No púlpito e nas rodas de cada dia, até a morte, o patriarca não perdeu o ensejo de profligar a iniqüidade do govêrno imperial, e formava, assim, a opinião pública em defesa dos dois nobres confessores da fé. Lia comovido e fazia ler as pastorais de D. Vital, que reputava um autêntico santo, tão digno dos altares como Atanásio e Carlos Borromeu. Discorrendo sôbre assuntos desta ordem, era inesgotável e difícil de ser ultrapassado.

Os seus conhecimentos de história geral e da Igreja, conhecimentos que iam, não raro, até a minudência, forneciam-lhe matéria para constantes dissertações, que sua paixão pelo Evangelho tornava sugestivas e encantadoras.

Conversar, para êle, era uma alegria. Especialmente depois que se viu privado do uso do sacerdócio, valia-se dêsse meio em casa, como de um derivativo, para expandir o coração. Falava das cousas de Deus, comentava a Sagrada Escritura, discorria sôbre a história da Igreja, preferidos os capítulos mais patéticos, e contava a vida dos santos de sua predileção, à frente dos quais figurava São Francisco de Assiz.

Centenas de vezes tive ocasião de ouví-lo nessas interessantes expansões, horas a fio, sem que jamais lhe esmorecesse o ânimo ou lhe enrouquecesse a voz. E estava tão seguro do que dizia, que a contestação feita pelo interlocutor só tinha por efeito tornar-lhe mais viva a preleção, levan-

do-o a demonstrar, com dados convincentes, a procedência de seus argumentos e alegações.

* * *

Quando afirmei que o Padre Cícero poderia ter sido um dos mais notáveis missionários do nosso século, quis aludir a um interessante episódio de sua vida, que êle mesmo me contou. Por aí se pode aquilatar o seu idealismo cavalheiresco, no sentido da conquista do mundo para o ideal cristão.

Nos últimos dois anos que precederam sua ordenação de presbítero, o clérigo Cícero Romão Batista andou lendo jornais e revistas do Velho Mundo, que pintavam, de maneira impressionante, os esforços titânicos da Igreja, através da ***Propaganda Fide***, para a evangelização dos chineses. E tais entusiasmos a grandiosa perspectiva gerou em sua alma, que, sem mais hesitar, deliberou oferecer-se, como voluntário, para as temerosas missões da China.

Já estava concertando o projeto da partida, quando João Brígido, amigo particular de sua família, no Crato, veio a tomar conhecimento daquela inesperada e atordoante resolução.

Foi quanto bastou para que o desabusado e indomável panfletário, conhecido, já então, pelo seu agnosticismo, perdesse a calma e se desentranhasse em protestos furibundos, aptos para desnortear uma vontade resoluta.

— Não sei [teria dito João Brígido], não sei que religião é essa, que vocês aprendem no seminário. Religião contraditória, que manda amar o próximo, como a si mesmo, e bate palmas a um filho que vai abandonar a mãe viúva, tendo nêle o seu único arrimo e cuja única fortuna são duas filhas órfãs. Arrenego dêsse seu espírito missionário, que se larga, assim, para ensinar o cristianismo aos pagãos do fim do mundo, quando nós temos um milhão de selvagens sem batismo e milhões de batizados que não conhecem a Deus e ainda menos o abecê.

O plano de evangelizar o Oriente caíu por terra, não resta dúvida. Mas quem sabe se ao mesmo não estava condicionado o plano divino da santificação do futuro Padre Cícero?

Deslocado para a China, talvez lhe assistissem graças de estado bem mais eficazes. Estariam removidos, por outro lado, certos obstáculos de ordem polêmica e também

política, de encontro aos quais se foi chocar a sua mentalidade, provocando o desabrochar da psicose que possuía em germe.

NOTA: — Simeão Correia de Macedo, professor público de Juazeiro, cargo em que foi substituído por seu irmão Pedro Correia de Macedo, foi o parlamentar incumbido de ir até o Crato e convidar o Padre Cícero para a ocupação da capelania de sua terra.

Consoante o testemunho fidedigno de sua ex-escrava, e acatada octogenária, vulgarmente conhecida por Teresa do Padre Cícero, são êstes os dados concernentes à infância dêste último:

Nasceu na própria cidade do Crato, à Rua-Grande, atualmente Dr.-João-Pessoa, umas oito casas acima da demolida igreja de São Vicente Ferrer, lado do sol. A dita casa pertencia a Totônio Romão, seu tio paterno, e ficou, por morte dêste, para a mãe da beata Elisa, da Casa de Caridade urbana.

O primeiro mestre-escola que êle teve foi o Professor Rufino, de Icó, que morava vizinho. Nessa escola, êle se matriculou aos seis anos de idade. Em seguida, andou estudando com os professores Jesuíno e Laureno Brizeno, irmãos entre si, como também, um pouco depois, com o padre João Marrocos, tudo isto na sua cidade natal. Só mais tarde é que foi estudar em Cajazeiras, na Paraíba, com o célebre educador Padre Rolim, Inácio de Sousa Rolim, sendo, por essa ocasião, colega de estudos do futuro cardial D. Joaquim Arcoverde. O colégio do padre João Marrocos funcionava no sobrado fronteiro, que ainda hoje existe e, por longos anos, pertenceu ao abolicionista José Joaquim Teles Marrocos.

Foram padrinhos de batismo de Cícero o seu avô paterno, Romão José Batista, e D. Antônia, tia materna do mesmo. De crisma, era seu padrinho o Cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, o velho.

Duas sòmente foram suas irmãs: Maria Angélica Romana, vulgo Mariquinhas, nascida a 25 de Outubro de 1842 e falecida no Crato, durante a grande sêca, em 1878, e Maria Angélica Romana, conhecida por D. Angélica e que, nascida a primeiro de Outubro de 1849, veio a falecer em Juazeiro, no dia 6 de Outubro de 1928.

Cícero, quando menino, gostava de brincar, mas só com as próprias irmãs, fazendo, por vezes, casinhas de barro, banquinhos e cadeirinhas para elas. Já então, tinha paixão pelas aves, de sorte que, em dias feriados, ia, quase sempre sòzinho, pegar canários e patativas, algumas vezes com risco, no sítio Fernandes e nas imediações de Juazeiro. Jamais brincava com meninos de rua.

Certos dias, estendia uma empanada e com ela armava uma tenda na alcova, onde se ficava, horas e horas, escondido, dando a impressão de estar rezando. E, para não ser importunado por curiosos, deixava, do lado de fora, uma das irmãs a botar sentido.

Sucedia também, chegada a hora das refeições, não ser encontrado em casa. Então, era certo achá-lo na igreja, sempre em oração, ou, se já era bôca de noite, na farmácia fronteira, do velho boticário Garrido, na qual escutava, com notável atenção, as conversas dos homens principais da terra, que alí diàriamente se reüniam. Vem dessa época o seu gôsto pelo estudo de história, sobretudo história do Brasil, que era a mania de um dos freqüentadores da roda.

Cap. 5

O MISSIONÁRIO

Desde o comêço de sua vida pública, o Padre Cícero se caracterizou por uma afeição invulgar para com seus irmãos no sacerdócio. Igual a êle, neste particular, conhecí apenas um eclesiástico cearense, o padre Antônio Tabosa Braga, desde o seu paroquiato, na serra de Baturité, até o ocaso de seu glorioso ministério, na vigararia geral de Fortaleza.

Houve dias, antes de 1894, em que se contavam seis, oito padres, procedentes de tôdas as direções, sentados à mesa do paupérrimo capelão de Juazeiro. Muitos, com o volver dos anos, iam até lá com o propósito de se confessar a êle, que acabou sendo o modelador da conduta dos mesmos, menos pelo conselho e fraterna admoestação do que pelo atrativo do exemplo, firmado em convicções profundas.

Sabe-se de Garcia Moreno que, ainda estudante em París, demonstrou, com sólida argumentação, a um colega puxado a ímpio, a origem divina da confissão; mas, uma vez derrotado, o contendor lhe fêz emudecer com a seguinte observação:

— Muito bem, Garcia. Estou vendo que a confissão foi mesmo instituída pelo Cristo e é, por tanto, mais séria do que eu pensava. Mas qual é o padre com quem você, tão ardoroso católico, se confessa nesta cidade?

Garcia empalideceu. Efetivamente, por uma incoerência chocante, êle vivia sem se confessar, desde longo tempo. E, esmagado por aquela interpelação, longe de desculpar a própria incúria, replicou:

— Vivo, com efeito, afastado do meu dever. Mas amanhã, a estas mesmas horas, já não acontecerá assim.

Confessou-se imediatamente. E aquela confissão foi para êle o ponto de partida de uma carreira das mais brilhantes e invejáveis que um estadista católico já ofereceu ao mundo.

Cena semelhante se passou entre o capelão de Juazeiro e outro padre, seu comensal, que, embora bem intencionado, tinha contraído o vício do álcool. Certa vez, o Padre Cícero, falando parabòlicamente, procurava insinuar, junto àquele pobre irmão no sacerdócio, a necessidade ideclinável

de vencer-se a si mesmo, pondo têrmo a tudo quanto pudesse desdourar um embaixador de Cristo.

— Já sei o que você quer, Padre Cícero, tornou-lhe o outro. Não serei eu quem lhe negue a razão, absolutamente. Mas — diga-me só — por que você também não deixa de fumar?

O argumento era forte e incisivo, por que era procedente. O Padre Cicero era, até aquela data, um fumista de fôrça: só não fumava na igreja e na rua. Nem podia compreender a vida sem a companhia do cigarro.

— O Sr. tem razão, padre fulano. Mas, se é essa a dificuldade, nunca mais hei de fumar. Vamos, por tanto, eu e o Sr., mudar de sistema.

E abandonou, alí mesmo e para sempre, o vício do tabaco.

Com semelhante interêsse pelo esplendor da classe sacerdotal, conseguiu, até em estados limítrofes, reformar mais de um presbítero sertanejo, naquela época de transição, em que a disciplina do clero vinha-se chocar com hábitos inveterados e praxes seculares, não raro desprimorosos. E foram tais padres, restituídos ao fervor primitivo, que, transformados em seus admiradores e amigos, mais do que o povo ignorante, espalharam bem longe a fama do capelão juazeirense. E notou-se o seguinte: padre que freqüentava Juazeiro era padre operoso e edificante.

Tão grata e confortadora impressão deixou entre as populações do nordeste, que, em muitas regiões, inclusive o sul do Ceará, o melhor elogio que se pode formular de um levita zeloso e caritativo é compará-lo com o Padre Cícero.

Frei Damião, capuchinho italiano, *fac-simile* dos padres Anchietá e Ibiapina, simples e austero como os antigos monges do deserto, foi acolhido; por muitas almas ingênuas do nordeste pátrio, como se fôsse o próprio Padre Cícero de regresso à terra, sob diferente envolucro. Aliás, no seio do povo israelita, idêntico juízo andaram fazendo do Divino Mestre, em cuja pessoa inúmeros populares queriam ver João Batista, Jeremias ou outro grande profeta falecido alguns séculos atrás.

* * *

Quando, linhas acima, afirmei serem modelares os elementos do clero que frenqüentava Juazeiro, não pretendí significar que fôssem fervorosos pelo simples fato de se terem posto em contacto com o Padre Cícero. Quis dizer apenas

que os sacerdotes zelosos das zonas circunvizinhas, por uma afinidade muito explicável, não sòmente se sentiam felizes convivendo com o capelão de Juazeiro, mas ainda, vez por outra, até lá se transportavam, ficando hospedados, dias e dias, na sua então humílima e desconfortável residência. Manda, porém, a verdade consignar que os tíbios lá se afervoravam e os fervorosos regressavam confirmados em seus santos propósitos.

Exemplificando, citarei, entre vários outros, os nomes de Joaquim Sóter de Alencar, Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Francisco Rodrigues Monteiro, Manuel Francisco da Frota, Vicente Sóter de Alencar, Francisco Antero, Manuel Rodrigues Lima, Félix Arnaud Formiga, todos êles honra imarcessível do clero cearense.

E era o Padre Cícero o centro de interêsse de todos, o *mestre em Israel*, como dizia o primeiro bispo do Crato, recordando o patriarca na sua fase progressiva.

Em curtos anos, Juazeiro se tornou um ponto de convergência, uma missão permanente, de modo indiscutível abençoada pelo céu.

Nos primeiros tempos, não havia alí, simples capelania, o privilégio de sacrário, isto é, a faculdade de conservar a Sagrada Eucaristia, como acontece nas matrizes, para dar a comunhão a qualquer hora. E, para que as pessoas que vinham de longe, e constituíam verdadeiras legiões, não voltassem sem ter comungado, tomou o Padre Cícero a heróica deliberação de só dizer a missa depois de ter confessado a todos. Para isso, era levado a ficar, como tôda aquela boa gente, em completo jejum, até o meio dia, quando, de ordinário, terminava o Santo Sacrifício.

Se, para muitos fiéis que só raramente comungavam, aquilo representava uma grande mortificação, para os de comunhão freqüente e, sobretudo, para o capelão, valia por um martírio lento de primeira ordem. E tanto maior quanto êle, conforme já frisei, ao começar a missa já havia permanecido no confessionário, atendendo aos penitentes, desde manhãzinha.

E quem poderá, hoje em dia, avaliar com exatidão o confessionário do Padre Cícero? Imbuído do espírito da Tebaida, devoto e admirador de Santo Antão e S. Jerônimo, sentia prazer em se crucificar e induzir os outros a crucificar-se também, com os próprios vícios e concupiscências.

Daquele confessionário ninguém saíu jamais, se lá ia pelas primeiras vezes, sem ter recordado, sob a direção do confessor, tôda a doutrina cristã. Sem ter recebido insistentes

recomendações para entrar numa vida nova, inteiramente evangélica. Sem ter-se comprometido a ficar rezando, cada noite, *o rosário da Mãe de Deus*, expressão mil vezes repetida, até a morte, pelo Padre Cícero. Sem ter renunciado a tôda espécie de malquerenças, desharmonias, etc.. Pouco se preocupava, o piedoso levita de então, com a sorte dos outros que, impacientes, esperavam a vez de ser ouvidos de confissão. Ficava votado à cura daquela alma, como se ela fôsse o universo. Afirmam pessoas de fé que êle chegou a ficar, inúmeras vezes, duas, três horas com um só penitente, a instruí-lo e meter-lhe na alma o gôsto da perfeição cristã.

É que não lhe passava despercebido valer a qualidade alguma cousa mais do que a quantidade, e que um cristão, assim preparado, volta convertido em outro apóstolo e vai levar o perfume de Jesús-Cristo aonde-quer que tenha de viver posteriormente.

Quando, por tanto, uma vez terminada a missa, ia sentar-se à mesa para a primeira refeição, eram perto das treze horas!

À tardinha, recomeçava o penoso serviço de confissões, que, comumente, se prolongava até alta noite, sendo apenas interrompido pelo jantar, que não obedecia a horário certo, e pela catequese, feita, em boa parte dos dias, à boquinha da noite. Era aquilo um curso de religião em regra, indo desde os rudimentos do catecismo até o comentário da Sagrada Escritura e da teolcgia moral.

Quando estudante, pude conversar, muitas vezes, com alguns dos antigos ouvintes habituais do Padre Cícero, particularmente mulheres. E, nos mais inteligentes, descobrí pasmosa familiaridadde com assuntos teológicos, a ponto de os discutirem com relativa segurança e raro calor.

Foi isso o que deu margem a um célebre desafôgo do padre Henrique José Cavalcante. Atraído pela fama de prodígios impertinentemente assoalhados, aquele missionário cearense, legítimo continuador do padre mestre Ibiapina, foi ter a Juazeiro. Mal tinha chegado, já se via em flagrante discordância com pontos de vista daquele ambiente religioso. E, uma vez no confessionário, passou a recusar a absolvição aos que persistiam no critério alí adotado para a explicação dos fatos havidos naquela terra como miraculosos. Terminadas as confissões, ainda manhã cedo, tomou a palavra e bradou para a igreja repleta:

— Já tenho confessado em cidades e aldeias, a dou-

tos e ignorantes, a leigos e também a sacerdotes. Não foi, por tanto, nesta povoação que vim aprender a confessar. E o papel do penitente não é, nem pode ser, travar discussão com o confessor, porém aceitar humildemente o que êste lhe diz, em nome da Santa Igreja. Entretanto, aquí há gente que, durante a confissão, se mete a argumentar teologia com o padre a quem se confessa...

E, chegado ao patamar, sacudiu o pó das sandálias, à maneira apostólica, *in testimonium illis et gentibus.*

NOTA N. 1 — Nos meus tempos de criança, até 1907, tive ensejo de presenciar, cem vezes ao menos, a devoção do povo de Juazeiro ao sacramento da Eucaristia.

Nesses tempos, o Padre Cícero já estava suspenso, e era o vigário do Crato, padre Quintino Rodrigues, mais tarde bispo, quem administrava os últimos sacramentos aos moribundos. Tal rito assumia então as proporções de verdadeiro acontecimento local. Os sinos repicavam conclamando os fiéis à igreja, que logo se enchia. Logo a seguir, organizado cortejo imenso, debaixo do pálio e precedido da irmandade do Santíssimo, com as respectivas opas e lanternas, partia docura, revestido de sobrepeliz e estola, em demanda da mansão do enfêrmo.

A marcha se fazia em religioso recolhimento, ouvindo-se apenas o badalar da campaínha e o ruído dos passos. Nunca menos de oitenta homens. Às vezes, em épocas de epidemia, a jornada se tornava um martírio estafante para o padre, que tinha de levar, assim, o Viático a numerosas casas, distantes entre si, perfazendo-se uma boa meia legua. E ninguém murmurava uma queixa, vendo naquilo a cousa mais natural da vida.

No momento em que a campaínha dava sinal de estar começando, na alcova do moribundo, o ato da comunhão, em frente ao edifício, por vezes uma palhoça, ajoelhava-se a multidão. homens sòmente, acompanhando em espírito as preces litúrgicas.

Em igual compostura todos se recolhiam à igreja, a fim de não perderem a bênção do SS. Sacramento, que jamais faltava ao fecho da tocante cerimônia. De passagem pelas ruas, todos absolutamente todos se descobriam e dobravam os joelhos, dizendo para os distraídos:

— Tire o chapéu e se ajoelhe, lá vem Nosso Pai.

Nosso Pai era a expressão consagrada pelo Padre Cícero para significar o Divino Mestre conduzido em viático aos moribundos.

* * *

NOTA N. 2 — João Leopoldo, da cidade de Picos, no vizinho estado do Piauí, é um octogenário respeitável, exato e franco até a rudeza. Foi dêle que colhí o depoimento abaixo, em 1º. de Outubro de 1941, depoimento que vem esclarecer uma época ainda obscura dos tempos áureos do Padre Cícero, na cura das almas.

Era em 1892. Estava no apogeu a fama do capelão de Juazeiro, devida, sobretudo, à recente divulgação das maravilhas então atribuídas a êle e Maria de Araújo.

Aproximava-se a Semana Santa. E João Leopoldo, acompanhando enorme caravana de conterrâneos, a cuja frente marchava o próprio chefe político de seu município, foi também a Juazeiro, curioso de ver as faladas festas litúrgicas daqueles dias, que prometiam revestir-se de desmarcado brilho.

Foi. E, a pesar de rapaz pobre, desfrutou, por um excesso de sorte, regalias invejáveis. Alí chegado, conseguiu viajar com o Padre Cícero até Barbalha, a 18 quilômetros de distância, do que guarda ainda viva memória, pela benfazeja repercussão que exerceu em todo o seu futuro de jovem mundano.

Partiu o capelão, na tarde de Quinta-Feira Santa, para a vizinha cidade, a fim de ajudar o vigário da mesma nas cerimônias daquela noite, aproveitando a oportunidade para confessar uma boa centena de pessoas que lá deviam esperá-lo. Durante a jornada, informou-se minuciosamente do estado moral do improvisado pagem, vindo a saber assim que êste levava vida sôlta, divorciado dos sacramentos e ligando bem pouco às cousas sobrenaturais. E, prevalecendo-se do ensejo para induzí-lo a melhores disposições, tomou, por sua vez, o compromisso de confessá-lo em Barbalha.

A travessia se fêz quase a passo de carga, sempre ao sabor da cavalgadura. O tempo era preenchido a rigor, pois o eclesiástico conversava sem preguiça e de modo edificante, fazendo esquecer a monotonia da estrada.

Em certa altura, caíu-lhe da cabeça o chapéu, do que João Leopoldo confessa só ter tomado conhecimento quando, muitos minutos depois, um homem que viajava atrás, passando por êles, entregou ao padre o chapéu desaparecido...

Em Barbalha, as confissões e a festividade consumiram tôdas as horas de que podiam dispôr, e sòmente às onze horas da noite conseguiram regressar. Mal haviam saído da cidade, assaltou-os tremendo pé d'agua, entrecortado de trovões de estalo e faíscas elétricas. Tamanhos eram o aguaceiro e a escuridão, que, não se distinguindo a estrada se não ao abrir de cada relâmpago, levaram perto de seis horas na curta viagem.

À vista de tudo aquilo, o capelão se mantinha no mais invejável bom humor, palestrando amàvelmente, nunca afastado de suas lucubrações religiosas. Nem por um instante se mostrou aflito com o medonho temporal, que inteiramente os ensopava, fazendo-os tiritar de frio.

Já começava o dia a amanhecer, quando chegaram ao destino. Uma vez apeados, foi logo o padre tomando a mão do pagem e fazendo-lhe sentir que devia confessar-se alí mesmo, já que em Barbalha o tempo tinha sido escasso.

João Leopoldo, entretanto, escusou-se, alegando que deixava para o outro dia, pois exigir do capelão semelhante sacrifício, tresnoitados e resfriados como ambos se achavam, equivaleria a uma falta de caridade para com êle próprio.

À tardinha, dormindo ainda a sono sôlto, viu-se despertado por voz insistente, afirmando-lhe que o padre estava esperando por êle na capela, sem perda de tempo.

Correndo até lá, o jovem piauiense deu com êle rodeado de pessoas que lhe pediam confissão e às quais replicava inexorável:

—Enquanto eu não atender um rapaz de Picos, chamado João Leopoldo, não confessarei a mais ninguém.

Confessou-se imediatamente o distinguido sertanejo. Nada menos de meia hora passou de joelhos no confessionário! E tais vin-

cos lhe imprimiu na alma aquele ajuste de contas, que regressou ao torrão natal imunizado, até hoje, contra tôda espécie de impiedade.

— E o melhor de tudo [confiou-me o entrevistado] é que, durante minha confissão, manifestei ao Padre Cícero que nem por sombra acreditava nos falados milagres de Juazeiro...

— Você não está obrigado a crer em nada disto [respondeu-lhe o capelão]. Nada disto afeta os dogmas nem a moral da Igreja. Só ficaria na obrigação de acreditar se, mais adiante, a Igreja se pronunciasse sôbre o caso daquí e declarasse divino o sangue aparecido nas hóstias...

— De sorte que [concluíu João Leopoldo], no dia em que Roma falou, declarando que em Juazeiro não tinha havido o menor milagre, não sentí abalo algum. O próprio Padre Cícero já não tinha me prevenido que só éramos obrigados a crer se a Igreja lhe fôsse favorável?!

CORRIGENDA — *No passado número desta "Revista", onde saíu o 3º. capítulo desta série, façam-se as seguintes emendas. À pág. 111, onde se lê — "Ele tinha tão sòmente o amor apaixonado da pobreza", suprima-se a expressão — "tão sòmente". À pág. 112, no lugar em que se lê — "... estará longe de avaliar a extensão da profundeza", leia-se — ".... a extensão e a profundeza..." À pág. 113, na antepenúltima linha, substitua-se a palavra "ortodoxa" pela palavra "heterodoxa".*